

A FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

HAPPINESS IN SAINT AUGUSTINE

Tiago Cunha Rizzo¹

RESUMO

O Artigo Científico aqui trabalhado terá por Revisão Bibliográfica principal a Obra “Vida Feliz de Santo Agostinho”. Esta obra referindo-se acerca do tema da felicidade é importante para a Filosofia, uma vez que enfatiza a Filosofia como meio de ser feliz, e mais adiante o autor conforme vai amadurecendo e mudando seu pensamento, também coloca a felicidade atrelada ao conhecimento divino. A razão desta pesquisa é a relevância filosófica do tema felicidade para a Humanidade e para a Filosofia, e como Santo Agostinho é um autor de suma importância, seu pensamento deve ser levado em consideração para o assunto e tema. O Artigo Científico tem a intenção de salientar o pensamento de Santo Agostinho acerca do tema da felicidade. O objetivo não é tratar sobre a Felicidade de forma geral na Filosofia ou vaga, e muito menos concluir o assunto, uma vez que a Filosofia é um campo inesgotável do saber. Visa-se sim trabalhar de forma científica o que este filósofo defende sobre a “vita beata”, ou vida feliz. Por método utilizar-se-á a Revisão Bibliográfica, o diálogo entre autores, perpassando a Antiguidade, Medieval até chegar na contemporaneidade de forma

¹ Estudante de Pós-Graduação em Psicopatologia e Psicossomática no Centro Universitário São Camilo, São Paulo-SP. Graduado em Psicologia – Formação de Psicólogos, pela Faculdade Anhanguera Educacional – Campinas-SP. Graduado em Pedagogia, Licenciatura Plena, pela Universidade UNIP-Campinas-SP. Graduado em Filosofia-Licenciatura, pela Faculdade Claretiana. Psicólogo Social, da Saúde e Clínico. *E-mail*: tiagopsicologo13@gmail.com

sucinta e contrapor com Santo Agostinho no que para ele é a Felicidade, e assim delinear filosoficamente o tema de maneira específica na conclusão.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Felicidade. Filosofia.

ABSTRACT

The Scientific Article worked on here will have as main bibliographic revision the Work “Happy Life IN Saint Augustine”. This work, referring to the theme of happiness, is important for Philosophy, since it emphasizes Philosophy as a means of being happy, and later the author as he matures and changes his thinking, also places happiness linked to divine knowledge. The reason for this research is the philosophical relevance of the theme happiness for Humanity and for Philosophy, and as Saint Augustine is an author of paramount importance, his thought must be taken into consideration for the subject and theme. The Scientific Article is intended to highlight St. Augustine’s thinking on the topic of happiness. The aim is not to address Happiness in general in Philosophy or vague, let alone conclude the subject, since Philosophy is an inexhaustible field of knowledge. The aim is to work in a scientific way what this philosopher defends about “vita beata”, or happy life. By method, the Bibliographic Review will be used, the dialogue between authors, going through Antiquity, Medieval until arriving in the contemporary in a succinct way and opposing with Saint Augustine in what is Happiness to him, and thus outlining the theme in a specific way in conclusion.

Keywords: Saint Augustine. Happiness. Philosophy.

INTRODUÇÃO

O tema acerca da felicidade é historicamente discutido por diversos autores, correntes de pensamento ou até mesmo pela ciência hodierna. No entanto, o interesse deste Artigo é discorrer de forma científica sobre tal assunto, mas com ênfase na Filosofia.

Não apenas é possível estudar a felicidade sobre várias ciências, mas também sobre vários autores. O TCC pretende de forma sistemática ordenar este estudo centrado na tradição filosofia antiga, passando pelo medievo, dando destaque ao pensamento de Santo Agostinho, até comparar brevemente com os contemporâneos.

Felicidade é algo caro à Filosofia:

A filosofia é uma atividade que por discursos e raciocínios nos proporciona a vida feliz. É definir a filosofia por seu maior êxito, a sabedoria e a beatitude, e mesmo que o êxito não seja total, é melhor do que encerrá-la em seus fracassos. A felicidade é a meta, a filosofia o caminho. (SPONVILLE, 2002, p. 16)

Reforçando ainda mais a importância da felicidade para a Filosofia Clássica e Medieval, pode-se acrescentar:

Boa parte dos pensadores contemporâneos é de opinião que na Filosofia não existe espaço para perguntar sobre a felicidade. Em outras épocas o problema chamou mais a atenção, para as éticas antigas e medievais, por exemplo, este tópico constituía questão central. (BONI, p. 53, 2003)

No entanto, atravessar os tempos com o tema da felicidade tem o intuito de chegar em Santo Agostinho, que é o autor principal no qual este trabalho está debruçado. Agostinho profundamente influenciado pela Filosofia Clássica, principalmente pelo platonismo e neoplatonismo irá em sua obra “Vida Feliz” atrelar a felicidade com a filosofia.

“Os grandes filósofos da Antiguidade dedicavam-se à Filosofia como caminho que conduz à felicidade” (AGOSTINHO, p. 112, 2001). Assim o filósofo escolhido traça seu pensamento que não permanece imutável, mas é alicerçado sobremaneira nesta estreita ligação: Filosofia e Felicidade.

Santo Agostinho com filósofo e cristão delinea aos poucos um diálogo nesta obra que de forma argumentativa leva seu interlocutor e seu leitor a chegar numa

exclusão de outras posses ou modelos de felicidade que não sejam a Filosofia e a Sabedoria, e por conseguinte no decorrer na obra a Sabedoria Divina que o homem pode participar é o que o levará realmente a ser feliz, e assim ter a Vida Feliz. “Mas talvez, com palavras diferentes, exprimistes, no fundo, uma só e mesma idéia. Pois, se considerarmos os dois primeiros pareceres, vemos que quem vive bem faz a vontade de Deus, e quem o que Deus quer vive bem” (AGOSTINHO, p. 138, 2001).

A filosofia contemporânea não enxerga a felicidade como atrelada ao conhecimento divino, e embora este não seja o foco do Artigo, só irá ser comparado sucintamente e pontuado como o tempo muda muito a forma filosófica de conceber determinados conceitos, de forma especial aqui a Felicidade.

1 A FELICIDADE NA FILOSOFIA ANTIGA

Este capítulo visa discorrer acerca da felicidade para os gregos, ou seja, os filósofos considerados da Antiguidade.

Os pré-socráticos abordavam temas muito voltados para a natureza, a essência das coisas e não muito para a vida humana em si, isto acontece posteriormente a partir dos sofistas:

Com efeito os sofistas operaram uma verdadeira revolução espiritual, deslocando o eixo da reflexão filosófica da *physis* e do cosmos para o homem e aquilo que concerne a vida do homem em sociedade. É compreensível, portanto, que a sofística tenha feito de seus temas predominantes a ética, a política, a retórica, a arte, a língua, a religião e a educação, ou seja, aquilo que hoje chamamos de cultura do homem. Assim é exato afirmar que com os sofistas, inicia-se o período humanista da filosofia grega. (REALE; ANTISERI, 1990, p. 74)

O supramencionado aponta como a Filosofia grega vai ganhando um contorno de debates humanísticos e não mais da *physis*, e isto não era algo simples ou qualquer naquele mundo e naquele contexto, era sim de suma importância, pois movimentava toda a discussão, cultura no mundo helênico e tinha repercussões. Mas devido a ênfase na retórica e no relativismo os sofistas não foram galgaram muito êxito. “Eles abriram o caminho para a Filosofia Moral, embora não tenham

sabido alcançar os seus fundamentos últimos, porque não conseguiram determinar a natureza do homem enquanto tal” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 83).

Chega-se, portanto, em Sócrates, que olha para o homem: “ Consequentemente ele se concentrou no homem, como os sofistas, mas ao contrário deles soube chegar ao fundo da questão” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 87).

Após tratar brevemente de como a Filosofia Antiga chega a discutir sobre o homem, agora toca-se no ponto mais relevante deste Artigo que é um tema do homem, a felicidade. O que seria a Felicidade para os gregos, a partir de Sócrates?

No entanto, como Sócrates nada deixou de escrito, a atenção volta-se a um do seus principais discípulos que propagou o pensamento socrático: Platão, para Platão a felicidade estava diretamente relacionada a uma questão ética do “Bem em si mesmo” (VAZ, 1991)

É preciso entender bem que para Platão a felicidade está atrelada a contemplação do Bem, que leva a prática das virtudes e ações de justiça, sabedoria entre outras. Isto é o viver bem platônico. “A tese de que a felicidade é o único bom, ou o sumo bem, foi sustentada repetidas vezes ao longo da história do pensamento ético” (VÁSQUEZ, 2011, p. 158).

Para o pensamento grego a felicidade não pode vir das coisas físicas, materiais ou transitórias, ela vem da alma. “Para mim, quem é virtuoso, seja homem ou mulher é feliz, ao passo que o malvado é infeliz” (SÓCRATES apud REALE; ANTISERI, 1990, p. 92). Nota-se que isto acompanhou o pensador Sócrates de maneira essencial, e assim os escritos e o pensamento platônico.

Não importa para Sócrates se o homem é pobre ou rico, enfermo ou são, o importante é ser virtuoso, sábio, ter o verdadeiro conhecimento, desta forma ele será feliz. E ainda que sofra a virtude em si já é carregada de uma recompensa, ela contém a ‘moeda’ da felicidade. A vida de Sócrates foi exemplo concreto, pois mesmo acusado de venerar outros deuses e corromper a juventude não desfez seu discurso filosófico e preferiu morrer por crer no que é reto e justo, crendo ainda numa vida superior a esta após a morte também como recompensa por ser virtuoso em nome da verdade e da sabedoria. Este é não só o pensamento socrático ante a felicidade, mas sobretudo sua postura filosófica e humana coerente.

Platão coloca na boca de Sócrates vida ao seu mestre, e de alguma forma coloca seu próprio pensamento também. E ele sabe da importância da virtude, do amor e das coisas inteligíveis. “Para Platão, o amor sem fé é feliz? E como poderíamos ser felizes sem o amor?” (SPONVILLE, 2002, p. 40)

E para um dos maiores filósofos que já existiram: Aristóteles, o que é felicidade?

Para Aristóteles a felicidade é um objetivo da vida humana, portanto um princípio ético fundamental a ser buscado, vivido e atingido. Ele fala da eudaimonia em sua obra: “Ética a Nicômaco”. Pode-se afirmar que para Aristóteles a felicidade é o fim último da ação humana (REALE; ANTISERI, 1990).

Um estado que todos almejam por natureza, segundo ele, mas ele frisa bem que felicidade não é um estado e sim um fim último da ação humana, relacionado com o bem, por meio de boas ações, por meio da vida boa, que para o grego é a vida virtuosa o homem chega à felicidade. Esta virtude ética para Aristóteles é o caminho do meio, ou seja, a retirada de excessos e vícios, escolhendo as coisas com ponderação, e chamado por ele de justa medida.

Já a *phrónesis*, sabedoria e a sapiência, filosofia orientadas a fins bons chega-se a um grau importante de felicidade: “É precisamente no exercício desta última virtude, que constitui a ação da atividade contemplativa, que o homem alcança a felicidade máxima, quase uma tangência com o divino como mostra Aristóteles” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 206).

Não atentando-se de forma duradoura em um filósofo específico do mundo grego, pois o objetivo é discorrer sobre a felicidade na antiguidade, para que possa-se chegar ao Medieval, ou seja, a Filosofia Medieval.

Mira-se agora sobre o cinismo, que teve como representante máximo Diógenes, que não necessariamente propunha um caminho de felicidade, mas tinha sua escola, e seu modo de ser, que apregoava que a vida animal era o modelo, mas que também o desprezo por tudo, o não ter metas, o desapareço de prazeres favoreceriam o homem. Por ser simples “os antigos já haviam definido o cinismo como o breve caminho para a virtude” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 235).

Já os epicuristas, guiados por Epicuro, valorizavam o hedonismo, mas não como o senso comum diz que é a busca do prazer pelo prazer, para ter a felicidade para Epicuro era necessário o prazer de uma vida desapegada dos bens materiais, uma

vida simples, a experiência e a valorização das sensações, viver retirado e olhando para dentro de si mesmo. E algo muito importante na ética epicurista era a não preocupação com a morte, haja vista que a essência humana é material, ele dizia que enquanto existimos a morte não existe, e quando ela passa a existir o homem já não existe, portanto, não há o que temer ou pensar nela. Desta forma a escola epicurista visava o prazer, garantindo a tranquilidade de espírito (ABAGNANO, 2012).

E o estoicismo, que vivia de acordo com as leis naturais. A ética deles era orientada à vida natural, porque nada ocorrer fora desta ordem. Uma extrema valorização da razão com a condenação das emoções, e a exaltação de uma vida solitária constituíam esta doutrina. Agindo assim, o homem seria mais feliz (ABAGNANO, 2012).

Sem delongas, o ceticismo afirmava que os sentimentos podem trazer informações falsas ao ser humano, e portanto, para não interferir negativamente em sua vida e na dos outros, que se suspendesse o juízo, o termo epoché.

Concluindo o que os antigos pensavam sobre a felicidade tem-se os neoplatônicos. Para estes o homem deveria voltar a Deus, portanto, uma vida verdadeiramente transcendente e mística. “A manifestação plena da psyché é a vida virtuosa, tendo como degrau inferior a comunhão com os semelhantes e como degrau supremo a comunhão com Deus” (VAZ, 1991, p. 47). Lembrando a doutrina platônica, mas agora com o acréscimo da Emissão de Deus, e o que o mundo é constituído por Deus, o Intelecto e a Alma do mundo.

A felicidade em Plotino, que foi o grande expoente desta corrente de pensamento é o de fugir dos males do mundo sensível, mas que a felicidade pode estar no mundo sensível, mas prioriza o mundo inteligível, mas o que importa em Plotino é a sabedoria, pois sendo sábio, o homem, conseguirá ser feliz em todas as ocasiões.

Para enfatizar cita-se aqui o escritor Henrique C. de Lima Vaz: “Plotino acentua as tendências místico-intelectualistas do platonismo clássico fazendo da atividade contemplativa (theoría) a atividade por excelência do homem” (VAZ, 1991, p. 47).

Retrata-se aqui, portanto, um panorama geral, de como o mundo grego antigo, berço da Filosofia considerava a felicidade. Nota-se como o tema era de suma-importância, debatido e escrito, filosofado e vivenciado, o que implicou em repercussões notórias na Filosofia Medieval, bem como grande parte do pensamento ocidental, embora com modificações ao longo dos séculos.

2 A FELICIDADE PARA OS MEDIEVAIS E SANTO AGOSTINHO

Estabelecido o que é a felicidade para os gregos, atenta-se agora para a felicidade na Filosofia Medieval, que bebeu da Filosofia Antiga, mas desenvolveu um modo muito próprio de ser.

Como visto no capítulo 1 a Ética na antiguidade estava muito atrelada com o bem e a felicidade, já na Idade Média: “A Ética teocrática e teológica é aquela que identifica o Bem com a vontade de Deus” (ACHA; PIVA, 2013, p. 76).

Na Idade Média a Filosofia volta-se sobremaneira para o conhecimento de Deus. “Conhecimento, tornou-se indicador daquela forma particular de conhecimento místico” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 405). Portanto, se o conhecimento e a ética voltam-se para Deus, assim será com a felicidade, e esta última decorrente do encontro com Deus, do conhecimento das coisas divinas e prática desta vontade divina. “Para alcançar a felicidade, que coincide com a contemplação de Deus, devemos impedir que o pecado tome o lugar da ordem moral existente na criação”(ACHA; PIVA, 2013, p. 78).

“Neste sentido então a lei divina deixa de ser uma norma, puramente exterior, para transformar-se naquele princípio de ação que dirige interiormente os atos humanos” (BONI, 2003, p. 30). Os atos humanos neste concepção dirigem-se por uma lei interna no homem, colocada por Deus, que levará este mesmo homem à felicidade verdadeira. “Para as éticas antiga e medieval, por exemplo, este tópico constituía questão central” (BONI, 2003, p. 51).

É precisamente neste ponto central que a felicidade para o medieval se diferencia do antigo, embora influenciada pela Filosofia Antiga:

Outros ainda julgam que a felicidade pertence a vida virtuosa e a contemplação conjuntamente. Outros, enfim, são de opinião que a vida de prazer, a vida segundo as virtudes morais e a vida contemplativa, no conjunto são o ideal de vida para Aristóteles, cabendo o primado à contemplação, situando-se as virtudes morais como meio com relação ao fim. Com isto estaria mantido o ideal platônico do filósofo rei, mas não se obedeceria à exigência de que a felicidade seja um bem ao alcance de muitos. (BONI, 2003, p. 55)

A contemplação do mundo das ideias, ou a contemplação virtuosa aristotélica influenciam e muito a visão medieval, sendo agora voltada esta contemplação ao Sumo Bem, Deus. E por que a Filosofia Medieval valoriza tanto este agir ético que leve o homem à felicidade terrena, mas também eterna?

Reale e Antiseri (1990) procuram responder isto: “Tudo o que existe fora de Deus é criado e corruptível por sua natureza, pode desaparecer e não existir mais. Somente Deus é incriado e incorruptível, e exatamente, por isto é que é Deus, ao passo que tudo o que vem depois Dele é criado e corruptível” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 409).

Eis aí a explicação lógica do porquê a meta de vida moral e ética do homem desta época é cristã, pois tudo o demais passa e é corruptível, e se só Deus é incorruptível e quem o obedece vive Nele e com Ele, não há motivos suficientes para fazer o contrário, pois a verdade foi entendida desta forma, e ilógico e irracional não viver assim, para o pensamento do medievo.

“A Moral concreta, efetiva e a ética, como doutrina moral, estão impregnadas também de um conteúdo religioso que encontramos em todas as manifestações da vida medieval” (VÁSQUEZ, 2011, p. 275-276).

A Filosofia Medieval não se distanciou muito da Antiga no sentido de desvencilhar Ética de Felicidade. Esta fusão ainda estava em voga, mas claramente a Ética do bem viver grego tinha suas virtudes específicas, enquanto o cristianismo apontava sempre para uma imitação da vida de seu Mestre, Jesus, do Evangelho, livros da Bíblia que narram a vida, ensinamentos, obras, paixão, morte e ressurreição de Jesus. E claro a Igreja Católica, com todo seu modo de ensinar, e segundo o vigente pensamento da época, manter os fiéis em um caminho cristão que lhes possibilitasse uma boa moral, e assim a salvação.

Há uma grande riqueza no pensamento grego, mas a mensagem cristã vai muito além, ultrapassando-o precisamente nos pontos essenciais. Entretanto, seria um erro acreditar que essa enorme diferença comporte apenas antíteses insanáveis. De todo modo, ainda que alguns hoje sejam desse parecer, essa não foi a tese dos primeiros cristãos, que depois do bruto impacto inicial, trabalharam duramente para construir uma síntese. (ANTISERI; REALE, 1990, p. 394)

Há uma acentuação importante acerca da felicidade no tempo medieval, e esta acentuação vislumbra a vida eterna. O homem medieval, de forma geral, ainda que quebrassem a moral epocal, transgredissem a Lei Divina e os Mandamentos da Igreja, de alguma forma temia um castigo na outra vida. Ser feliz para estas pessoas que muitas vezes morriam aos trinta anos ou menos devido a pestes, guerras, doenças diversas, pobreza e tantas outras adversidades que facilmente levavam as vidas, era um foco de felicidade muito voltada na imortalidade da alma. “A Ética cristã, como a filosofia cristã em geral, parte de um conjunto de verdades reveladas a respeito de Deus, das relações do homem com o seu Criador e do modo de vida prático que o homem deve seguir para obter a salvação no outro mundo” (VÁSQUEZ, 2011, p. 276).

Santo Agostinho está inserido neste contexto, e o justo na história é olhar o ser humano de acordo com o que ele vivia em sua época, e é assim que este trabalho visa olhar este filósofo, como alguém fruto de seu tempo, influenciado e que também influencia, haja vista que tal pensador foi um ilustre, determinando muito da doutrina, teologia e catequese católica, e influenciando consideravelmente os homens de seu tempo e da posteridade.

Nascido em Tagaste, África em 354 d. C. Aurelius Augustinus não foi sempre católico, mas levou uma vida para se converter e mudar seu pensamento, até chegar na Filosofia apresentada neste Artigo. Até os trinta e três anos viveu uma vida dissoluta, baseada em glórias humanas, ensino de retórica, latim, magistério, experiências sexuais e de fama muito constantes (LEITE JUNIOR; SILVA, 2014).

Sua vida explica sua Filosofia, o que é próprio do ser humano, sua forma de pensar está diretamente relacionada com suas experiências, não é algo isolado. Estas experiências lhe indicavam algo: “Sabia o que devia fazer, que era voltar-se para Deus, mas não queria e não conseguia” (LEITE JUNIOR; SILVA, 2014, p. 73).

No entanto, a hora de sua conversão chegou: “Agostinho via luz no fim do túnel, começava a reencontrar a si mesmo em novos fundamentos, começava a reconstruir seu mundo. Não precisava mais fugir de Deus e de Mônica, sua mãe” (LEITE JUNIOR; SILVA, 2014, p. 123). A partir de sua conversão empenha-se a escrever inúmeras obras filosóficas, onde o destaque aqui é “Vida Feliz”, a ênfase de como alcançar a verdadeira felicidade.

Agostinho estabelece, então, uma relação sistemática entre os escritos filosóficos antigos, que trataram deste tema fundamental, e sua visão de convertido ao cristianismo, para elaborar o estudo da felicidade. Na sua ampla produção, expõe com clareza: o fundamento e o ponto de partida; o conceito de felicidade, as condições de felicidade como estado, o objeto verdadeiro no qual ela consiste e o ato beatificante; a falsa felicidade; o meio para chegar à felicidade verdadeira, a felicidade terrestre e a felicidade perfeita. (VIDA FELIZ, 2001, p. 114)

Santo Agostinho recebera influência dos escritos platônicos e neo-platônicos, isto ajudou a formar seu conceito de felicidade apoiado na Filosofia: “Li entretanto algumas obras de Platão, pela qual tu te sentes fortemente atraído” (AGOSTINHO, 2001, p. 121). E sobre a Filosofia em detrimento de prazeres que atrapalhem o filosofar: “Confesso-te, todavia, que o apego a uma mulher e a atração pelas honras impediam-me de voar, com prontidão até o seio da filosofia” (AGOSTINHO, 2001, p. 121).

É indissociável para este filósofo a felicidade da vida filosófica, pois somente esta permite ao homem pensamentos que o atinem à uma vida de maior perfeição. Chega a comparar a filosofia como alimento da alma: “Vejamos, não concordais então, que em certo sentido, os homens sábios possuem o espírito mais pleno e mais livre do que os ignorantes?” (AGOSTINHO, 2001, p. 126) E ainda: “Temos, pois, razão em dizer que os espíritos desprovidos de cultura e instrução estão como que em jejum e famintos?” (AGOSTINHO, 2001, p. 126).

A vida pela qual trilhou Agostinho foi dura, no sentido da busca da Verdade, suas concepções acerca da Verdade, da Felicidade não brotaram do nada, portanto, suas afirmações são tão incisivas e categóricas, sobretudo na defesa da Filosofia e um pouco mais adiante na mesma obra: “Vida Feliz”, a posse de Deus.

A pergunta é filosófica: “Quem tem o que quer será feliz?”. A discussão deste tema ocorre na presença de sua mãe, Mônica e outras pessoas. A esta pergunta, responde Mônica: “Sim, se for para o bem que ele apetece e possui, será feliz. Mas, se forem coisas más, ainda que as possua será desgraçado”. Santo Agostinho radiante com a resposta da mãe completa: “Alcançaste, decididamente, o cume da Filosofia. Pois, sem dúvida alguma para exprimir seu pensamento apenas te faltaram as palavras de Cícero” (AGOSTINHO, 2001, p. 128).

Como ápice da filosofia agostiniana, como bom retórico muito influenciado pelo pensador latino Cícero, Agostinho diz:

Há certos homens — certamente não filósofos, pois sempre prontos a discordar—que pretendem ser felizes todos aqueles que vivem a seu bel-prazer. Mas tal é falso, de todos os pontos de vista, porque não há desgraça pior do que querer o que não convém. És menos infeliz por não conseguires o que queres, do que por ambicionar obter algo inconveniente. De fato, a malícia da vontade ocasiona ao homem males maiores do que a fortuna pode lhe trazer de bens. (AGOSTINHO, 2001, p. 128)

Em suas obras Santo Agostinho afirmava que se toda a Filosofia não levasse ao conhecimento de Deus de nada valeria (LEITE JUNIOR; SILVA, 2014), e assim ele chega ao ponto querido por ele mesmo em sua obra “Vida Feliz”, de que a felicidade está na posse de Deus.

“Resta-nos apenas procurar uma coisa: quem entre os homens possui a Deus? Pois, sem dúvida, tal homem será feliz” (AGOSTINHO, 2001, p. 131). Concluindo este capítulo com mais duas citações do próprio Agostinho, pode-se atestar que a felicidade para ele passa pela Filosofia sim, como visto acima, mas culminando na posse de Deus, esta posse de Deus significa possuir a Deus, estar com Deus fazendo que é de Sua Vontade.

“Vemos que quem vive bem faz a vontade de Deus e quem faz o que Deus quer vive bem” (AGOSTINHO, 2001, p. 139).

Por conseguinte, chegas a estas distinções: todo o que encontrou a Deus e o tem benévolo é feliz. Todo o que ainda busca a Deus tem-no benévolo, mas ainda não é feliz. E, enfim, todo o que se afasta de Deus, por seus vícios e pecados, não somente não é feliz, mas sequer goza da benevolência de Deus. (AGOSTINHO, 2001, p. 142)

Santo Agostinho no diálogo desta obra segue uma sequência lógica, de que querer e não ter traz infelicidade, ainda mais quando se quer algo fora da vontade divina. E ainda buscar a Deus ainda não é ser feliz, mas pela benevolência de Deus há uma certa felicidade na busca, uma vez que possuir a Deus é que é a verdadeira felicidade, mas para isto não pode-se afastar de Deus pelo pecado.

A proposta agostiniana é de uma continuidade pós-busca de Deus, encontrando-O o homem deve manter-se fiel, assim será feliz, uma vez que ser sábio é ser feliz, e ser ignorante infeliz, e esta ignorância é parceira da indigência que

atrai a carência, que por sua vez a infelicidade (AGOSTINHO, 2001). Nota-se uma ligação entre os conceitos, entre a busca e a posse, entre sabedoria, filosofia, Deus e felicidade que não podem existir se reina a carência, a falta de sabedoria, a posse do pecado, a indignância e a infelicidade.

Concluindo este capítulo, que apresentou certas semelhanças com a Filosofia grega, sobretudo a platônica, mas distingue-se por ser cristã, pode-se afirmar:

A purificação da alma, em Platão, e a sua ascensão libertadora até elevar-se à contemplação das idéias, transforma-se em Santo Agostinho na elevação ascética até Deus, que culmina no êxtase místico ou felicidade, que não pode ser alcançada neste mundo. Contudo, Santo Agostinho se afasta do pensamento grego antigo ao sublinhar o valor da experiência pessoal, da interioridade, da vontade e do amor. A ética agostiniana se contrapõe, assim, ao racionalismo ético dos gregos. (VÁSQUEZ, 2011, p. 278-279)

3 FELICIDADE AGOSTINIANA E CONTEMPORANEIDADE

Não seria conveniente nem justo intelectualmente ignorar o tema da felicidade na Contemporaneidade. No entanto, o tema do Artigo é mais agostiniano, e por que discutir ainda que brevemente o que nos tem a dizer a Filosofia Contemporânea?

Uma vez inseridos neste contexto, é válido ressaltar alguns aspectos, e trazer a importância do tema, atestando a sensatez de Agostinho ao refletir sobre isto. Não foi uma reflexão atemporal ou descabida, e ainda que ele seja da Filosofia Medieval refletir acerca disto é fundamental na vida humana.

O modo de abordar já não é o mesmo, por exemplo: “É por isso que, prudentemente, em vez de falar o que é uma vida feliz, Luc Ferry pergunta o que é uma vida bem-sucedida. Essa é uma sutileza muito importante. Até porque o conceito de felicidade, de tão difundido, esvaziou-se como signo” (BARROS FILHO; KARNAL, 2016, p. 8).

Já não é de um olhar tão metafísico a felicidade, mas até passa por outras palavras e significados atrelados um pouco ao sucesso como toca este importante filósofo contemporâneo. Outro aspecto marcante dos tempos atuais é encarar o ser feliz como não permitir o sofrimento ou tempos que mostrem socialmente que o indivíduo não é feliz.

Uma espécie de imposição constante da felicidade permeia nossa existência, negando a presença do sofrimento e reprimindo manifestações emotivas exageradas, mesmo quando sofremos a dor máxima da perda humana. Exige-se daqueles que padecem certa discrição desses sentimentos, assim como a retomada rápida dos afazeres e da normalidade. (SHMITT, 2009, p. 2)

Demonstrar sofrimento para a sociedade atual é proibido, portanto, instala-se um modo coletivo, ainda que antagônico, de vivenciar a felicidade, de certa forma é muito coletivo, e relaciona-se com a forma desta coletividade gerenciar recursos atuais, progredir, evoluir e produzir.

A ética contemporânea surge, igualmente, numa época de contínuos progressos científicos e técnicos e de um imenso desenvolvimento das forças produtoras, que acabaram por questionar a própria existência humana, dada a ameaça que seus usos destruidores acarretaram. (VÁSQUEZ, 2011, p. 284)

Como a felicidade hoje está muito atrelada ao social, ao coletivo e as exigências destes, o externo impõe coisas e fins de se alcançar, deixando a felicidade não dentro do coração humano, ou alicerçada na beatitude ou na filosofia como ensinou Agostinho, mas em questões totalmente outras:

O que vejo, sim, é uma necessidade de relacionarmos uma vida boa a certas condições de existência que, supomos, sejam alcançáveis, mas, que fique claro, de uma maneira que essa satisfação seja sempre parcial, relativa e, portanto, impossível na sua completitude. Desse modo, a felicidade será sempre um ponto distante, algo que nos escapa – se não completamente, pelo menos de forma parcial. E nesse sentido, nossa incorporação à ordem cósmica exigiria de nós excelência, que é sempre relativa, incompleta, tendencial. E também a ideia de atrelar a felicidade a coisas denuncia uma impossibilidade de satisfação, porque basta ir à rua para percebermos que não temos muito mais do que temos. E sempre será assim. A grande promessa da nossa sociedade é que sempre haverá aquilo que não temos e, portanto, desejamos. (BARROS FILHO; KARNAL, 2016, p. 10)

Vida boa hoje, totalmente diferente da ética grega não é mais relacionada com virtudes ou com eudaimonia, ou muito menos com a ética cristã, da busca e da vontade de Deus, é um modo de ser insaciável em possuir e alcançar desejos

Consumo como guia de felicidade, não apenas consumo de bens físicos, como roupas, celulares, carros ou imóveis, mas compra de bem-estar, de aparência, de todo e qualquer desejo irrealizado, compra de status social, de sentir-se importante em um meio onde ninguém parece ser importante, já que todos olham para si próprio nesta busca infinita de desejos.

Há a contradição filosófica sim, como:

E aí vem, tanto do genro de Marx, Lafargue, quanto de Domenico de Masi, a resposta contrária: é o ócio que produz a felicidade. É o não produzir demais, é a chance da abstração. É o direito à preguiça de Lafargue ou o ócio produtivo de De Masi. Parece que temos a tendência de estabelecer um modelo prévio ou uma meta a que devemos nos adaptar. Felicidade é definida como o ajuste a esse modelo. (BARROS FILHO; KARNAL, 2016, p. 13)

As raízes filosóficas deste modo de ser coletivo de felicidade vem de Hegel, filósofo moderno, que afirmava: “Para Hegel, o homem se integra como um elemento a mais no desenvolvimento universal da razão. O seu racionalismo é indiferente à existência do indivíduo; o que vale neste é o que possui de abstrato e universal” (VÁSQUEZ, 2011, p. 285).

Por isto, no tocante as influências filosóficas, além de tudo descrito acima sobre a produção marqueteira da fábrica de desejos atual, consumo desenfreado, interesse de parecer, produzir é que a felicidade ficou deformada, onde o indivíduo perde-se no grande coletivo universal, lembrando muito de Hegel.

A retomada da beatitude, palavra latina, que significa felicidade em Agostinho declina nos tempos contemporâneos.

Nas palavras de Dostoiévski: ‘Se Deus não existisse, tudo seria permitido.’ Abolido o fundamento último dos valores, já não se pode falar em valores, princípios ou normas que possuam a objetividade ou universalidade. Resta somente o homem como fundamento sem fundamento, sem razão de ser dos valores. (VASQUÉZ, 2011, p. 286)

A felicidade nestes tempos é até abordada, mas com muito mais flexibilidade também do que os olhares místicos da Idade Média, ela hoje pode ser vista na infelicidade do outro, como diria Shoppenhauer, ou seja, está acontecendo um mal com o outro e não comigo, ou: “Tanto Lafargue, quanto de Domenico de Masi, a resposta contrária: é o ócio que produz a felicidade. É o não produzir demais, é a chance da abstração. É o direito à preguiça...”

A autenticidade do ser no existencialismo, a vida mais ativa em Nietzsche, tudo pode ser material filosófico para a felicidade sob a óptica contemporânea, esta é intenção deste último capítulo, passear rapidamente nos fundamentos éticos contemporâneos, olhar como mudou muito a forma do pensar humano desde Agostinho, como o coletivo é mais exigente aqui, e ainda como a construção história da filosofia permite hoje um olhar bem eclético do que possa ser a felicidade, ou como experimentá-la, de forma mais passageira, ou até mesmo mais duradoura.

No entanto, uma coisa é certa, a reflexão sobre ser feliz perdura e perpassa a Filosofia até hoje, e Agostinho soube refletir num ponto chave da vida humana, seu legado permanece, seja aos seus seguidores na religião, seus adeptos na Filosofia, ou ao menos de forma ampla e geral na História da Filosofia e ao tempo presente oferecendo um legado sobre a importância de filosofar acerca da Vida Feliz, e ainda que se pense diferente dele, ou na ânsia de liberdade atual o ser humano não devota sua vida à Filosofia ou a Deus, como propôs Agostinho num modelo de felicidade, o fato dele impulsionar o homem contemporâneo a reflexionar sobre isto, já é muito importante.

“Não existe “no meu tempo” porque só temos um tempo, citando indiretamente santo Agostinho” (BARROS FILHO; KARNAL, 2016). Portanto, há um tempo presente, tempo real e de todos, tempo oportuno de pensar sobre a própria felicidade.

CONCLUSÃO

Conclui-se como a felicidade é um tema pungente na História da Filosofia, e como sua ligação com a Ética e as Virtudes é intrínseca.

A Filosofia Cristã bebeu muito da Filosofia Grega Antiga, quando elabora seu conceito de felicidade ligado com a santidade, vida virtuosa, fazer a vontade de Deus, e até mesmo possuir Deus, uma vez que o contrário, a ignorância, ausência de Deus e fazer as próprias vontades é gerador de tristeza e infelicidade.

A importância de Santo Agostinho na reflexão sobre o assunto marca a História da Filosofia, uma vez que este tema para ele foi central em seu pensamento e influenciou muito o modo de ser do homem medieval, bem como muitos no decorrer dos séculos.

E ainda hoje, na contemporaneidade, ainda que a visão cristã deste filósofo não reine sobremaneira na Filosofia, sua coragem em pensar no assunto ajuda o homem de hoje com suas dificuldades e potencialidades próprias da época filosofar, ao menos um pouco sobre o que é ser feliz.

REFERÊNCIAS

- ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ACHA, Juan Antonio; PIVA, Sérgio Ibanor. **Ética I**. Batatais: Claretiano, 2013.
- ALMEIDA JÚNIOR, J. B. Metodologia do Ensino de Filosofia. **Educação em Revista**, Marília, v. 12, n. 1, p. 39-50, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=ALMEIDA+J%C3%9ANIOR%2C+J.+B.+Metodologia+do+Ensino+de+Filosofia&btnG=>>. Acesso em: 06 mar. 2019.
- ANTISERI, Dario; REALE, Giovanne. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.
- AGOSTINHO. **A graça**. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO. **Vida feliz**. São Paulo: Paulus, 2001.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **Filosofia cristã**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BONI, Luís Alberto de. **De Abelardo a Lutero: estudo sobre a filosofia prática na Idade Média**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- BARROS FILHO, Clóvis de; KARNAL, Leandro. **Felicidade ou morte**. São Paulo: Papyrus, 2017.
- LEITE JUNIOR, Pedro G. S. L.; SILVA, Lucas D. S. (Org.). **Santo Agostinho: reflexões e estudos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- SCHMITT, Juliana Luíza de Melo. A dor manifesta: vestuário de luto no século XIX. **Dobras: Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 3, n. 5, p. 76-80, 2009.
- SPONVILLE, André Comte. **Apresentação da Filosofia**. São Paulo: Fontes, 2002.
- VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. São Paulo: Loyola, 1991.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.